

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Mário de Andrade

Há uma gota de sangue em cada poema



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Mário de Andrade

Há uma gota de sangue em cada poema

Edição comemorativa aos 70 anos da morte do escritor

Publicado originalmente em 1917.

**Mário Raul de Moraes Andrade
(1893 – 1945)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 723



Poeteiro Editor Digital
PROJETO LIVRO LIVRE
São Paulo - 2016
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor brasileiro Mário de Andrade: *“Há uma gota de sangue em cada poema”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

Explicação.....	1
Biografia.....	2
Prefácio.....	2
Exaltação da paz.....	2
Inverno.....	5
Epitalâmio.....	6
Refrão de obus.....	7
Primavera.....	8
Espasmo.....	9
Guilherme.....	10
Devastação.....	11
Natal.....	14
Lovaina.....	15
Os carnívoros.....	16

HÁ UMA GOTA DE SANGUE EM CADA POEMA



EXPLICAÇÃO

O autor crê necessária esta pequena explicação. Estes poemas foram compostos todos em abril; e desde logo o autor quis dar-lhes a vitalidade de livro – antes de ter o desvairo dos idólatras atingido o nosso Brasil. Hoje não há mais o ontem em que fomos espectadores. Hoje também os versos seriam muito outros e mostrariam um coração que sangra e estua. O autor nunca foi aliado. Chorava pela França que o educara e pela Bélgica que se impusera à admiração do universo. E permitia a cada um sua opinião... Agora, porém, ele se envergonha pelos brasileiros que, tendo sido germanófilos um dia, mesmo após o insulto, continuaram de o ser. Nem todas as nuvens de todos os tempos, reunidas em nosso céu, propagariam uma treva igual à que lhes solapa a inteligência e o infeliz amor da pátria.

BIOGRAFIA

São Paulo o viu primeiro.
Foi em 93.
Nasceu, acompanhado daquela
estragosa sensibilidade que
deprime os seres e prejudica
as existências, medroso e humilde.
E, para a publicação destes
poemas, sentiu-se mais medroso e mais humilde, que ao nascer.

PREFÁCIO

Perdão. – Também, no mato, se depara
guarantã que tombou, no último esmaio,
porque, vencido à chuva, o estraçalhara
– Pollice verso! – o gládio irial do raio...

Tombou entre os cipós. E, quando maio
sobre o exício medonho se escancara,
vê que o recobre o riso novo e gaio
das trepadeiras e da manhã clara.

– Por sobre o torso lívido e canhestro
da Europa em ruína vem também agora
brilhar, de manso, o maio em sol dum estro:

deixai, floresçam, nos seus tons diversos,
as rosas matutinas desta flora,
a primavera destes simples versos!

EXALTAÇÃO DA PAZ

Ó paz, divina geratriz do riso,
chegai! Ó doce paz, ó meiga paz,
sócia eterna de todos os progressos,
estendei vosso manto puro e liso
por sobre a terra, que se esfaz!

Ó suave paz, grandiosa e linda,
chegai! Ponde, por sobre os trágicos sucessos,

dos infelizes que se degladiam,
vossa varinha de condão!
Tudo se apague! este ódio, esta cólera infinda!
Fujam os ventos maus, que ora esfuziam;
que se vos ouça a voz, não o canhão!
Ó suave paz, ó meiga paz!...

O sol, nas arraiadas calmas,
brilhara sobre montes, sobre vales,
sobre inconsciências de campônios,
sobre paisagens de Corot;
havia beijos mornos de favônios,
e aos altos montes e nos fundos vales
os galhos eram compassivas almas,
dando sombras no prado e frescura nas fontes...
– Hoje, por vales e por montes,
tudo mudou.

Tudo mudou!... Atra estralada de bombardas
em sanha, um clangorar de márcios trons reboando,
tempestades terrestres estrondeando,
tiritir, sibilar, zinir miúdo de balas
caindo sobre absconsas valas,
coriscos, raios levantando-se de covas,
batalhões infernais em soturnas atoardas,
clarins gritando, baionetas cintilando,
bramidos, golpes, ais, suspiros, estertores...
Que é dos outonos de úmidos calores?
que é das colheitas novas?...

Onde as foices brilhando ao sol?
onde as tardes de rouxinol?
onde as cantigas? onde as camponesas?
onde os bois nas charruas?
onde as aldeias de sonoras ruas?
onde os caminhos com arvoredos e framboesas?
Tudo mudou!
gira na Terra
o tripúdio satânico da guerra.

Por quê? – Se o mundo é bom, a vida boa;
se a luz é para todos, se as campinas
dão para todos:
por que viver, lutando à-toa?...

Insultos, cóleras, apodos,
a carniçal volúpia das chacinas,
os ódios que se batem,
as mil raivas que se combatem,
Alsácias vergastadas,
heróicas Béglicas dilaceradas,
Lièges desfiguradas,
sânie, ruína, infinitas sepulturas,
desvairado matar, hecatombes monstruosas...
E de nenhuma parte um beijo de perdão!

Vão para a guerra, desdenhando-lhe as agruras,
todos vestidos de coragens ambiciosas:
e acaso alguém terá razão?...

Muito mais ter razão é conduzir as gentes
pelo caminho bom das alegrias:
sem, com os exércitos ingentes,
acordar os conuales e as vertentes,
e os ecos virginais das serranias.

...Provocar nas cidades, nas aldeias,
as guerras sacrossantas dos trabalhos;
distribuir pelos povos
trigos e livros a mancheias;
honrar, com outros novos,
os monumentos velhos e grisalhos...

...Derramar a verdade em cada casa;
dar-lhe um livro, que é força; educação, que é uma asa;
pôr-lhe à janela as flores caprichosas,
pôr-lhe a fartura no limiar;
e sobre ela fazer desabrochar
o riso, como desabrocham rosas...

Ter razão é levar pelo atalho da fé.
É as greis humanas, pela primavera,
quando a terra toda é
florida como uma quimera,
conduzir para a luz, para a alegria,
para tudo que é róseo e que é risonho,
para tudo que é poema ou sinfonia,
para o arrebol, para a esperança, para o sonho!...

Ó doce paz, ó meiga paz!...
Vinde divina geratriz do riso;
estendei vosso manto puro e liso
por sobre a terra que se esfaz!

E novamente os povos sossegados,
mais felizes alfim, menos incréus,
envolvereis, ó paz imensa!
– De novo os cantos rolarão nos prados;
e os homens todos rezarão aos céus,
numa ressurreição da esperança e da crença!

INVERNO

O vento reza um cantochão...

Meio-dia. Um crepúsculo indeciso
gira, desde manhã, na paisagem funesta...
De noite tempestuou
chuva de neve e de granizo...
Agora, calma e paz. Somente o vento
continua com seu oou...

Destacando-se na brancura,
os últimos pinheiros da floresta,
ao vendaval pesado e lasso,
como que vão partir em debandada:
parece cada qual, com a cabeça dobrada,
uma interrogação arrojada no espaço.

O vento rosna um fabordão...

Qual um mármore plano de moimento,
silenciou o caminho. É a sepultura,
profana, sem unção,
onde, com a última violeta,
jaz a franca alegria do verão...

Há ventania, mas
há solidão e paz.
Ninguém. Os derradeiros pios
voaram de manhãzinha; mas em breve

sepultaram-se sob a neve,
mudos e frios.
Tudo alvo... apenas a tristeza preta,
e o vento com seus roncacos...
Ninguém.
– Alguém!
Olha, junto dos troncos,
um reflexo de baioneta!...

EPITALÂMIO

É sempre assim. De manhãzinha, braço dado,
nos jardins claros do hospital,
ele mancando, a ela apoiado,
silenciosos, lado a lado,
dão o passeio matinal.

E, vagorosamente, se entranhando
no perfume vermelho da manhã,
ela vem triste, como que sonhando,
– ela, que é sã –
e ele, – o ferido – traz sorrisos francos,
vem assobiando entre seus lábios brancos
uma valsa alemã...

E no fundo do parque redolente,
onde tudo é perfume e som,
sentam-se e dizem, já maquinalmente:
“Êtes-vous las?” – “Oh! non!”

Então ele, com sua voz quebrada,
vendo o sol que no longe aponta,
entrando sorrateiro sob a touca,
brincar entre os cabelos brunos dela,
pela décima vez conta e reconta
como o prenderam e feriram pela
tardinha, ao proteger a retirada
dos seus soldados.

Ela, dedos febris entrelaçados,
bebe o reconto que lhe sai da boca.

E ele lembrando, sem vanglória, o heroísmo

que praticou, a vê chorar...
Então se arrasta para junto dela,
pergunta-lhe a razão do seu mutismo,
pede-lhe as mãos para beijar...

– “Porquoi pleures tu?” – “Moi!” – “Mais oui!...”
E no seu colo se debruça,
cola-lhe a boca às mãos; e enquanto ele soluça,
agora, ela sorri.

É sempre assim...
Mas ao voltar, vem resplendendo
nela o beijo nas mãos, nele a esperança...
Voltam pelos meandros do jardim,
e ela vem rubra, que ele vem dizendo
quanto acha lindas as manhãs de França...

REFRÃO DE OBUS

Partir pelo ar, atravessar girando
o ambiente perfumado do verão.
Sentir o vento novo e brando;
no ímpeto da carreira,
perfumar-se e abrandar-se à viração!...

Partir, com o íntimo esforço, velozmente:
ver na campina a última leira,
rasgada pelo último arado,
aberta a boca mansa, esperar a semente!...

Partir, ouvindo os passarinhos,
que despertara a cotovia,
musicar, lado a lado,
o êxtase florescido dos caminhos!...

Ó! como é bom partir, subindo!...
Sob a palpitação da madrugada fria,
à ovação triunfal do dia infante e lindo
ó! como é bom partir subindo!...
Partir, alimentando um desejo de escol;
partir, subindo pelo espaço para o sol!...

Mas na suprema glória de subir,

sentir
que as forças vão faltar:
e retornar de novo para a terra;
e servir de instrumento numa guerra;
e rebentar,
e assassinar!...

PRIMAVERA

Fora desmantelado,
quando, golfando pela fauce aberta
o atestado dos órfãos e das viúvas,
um grande obus lhe rebentara ao lado...

No modesto recanto do jardim
da aldeia miserável e deserta,
na sua herança má de mudo e eterno,
estático e sem fim,
viu, no outono, morrer o sol das chuvas,
entraçou-se de neve em pleno inverno;
e agora, à sussurrante primavera
mostra no beijo o riso do jasmim...

Converteu-se. Sorriu à natureza;
perdoou a rabugice ao vento sul;
e, no êxtase imortal – Santa Teresa
da primavera – ele olha esperançosamente,
essa visão seráfica e esplendente,
a claridade mágica do azul...

Na culatra soaberta, onde altos estampidos
gerara a bala estrepitosa e fera,
fizeram ninho as andorinhas...
Culatra! – geradora de gemidos,
geradora de implumes avezinhas!...

Cobre-lhe uma roseira o desnudo cinismo.
Tem a benção do luar, nas noites perfumosas.
Vem ungi-lo às manhãs o sol de abril.
E o canhão convertido, odorante e gentil,
na imota unção de seu catolicismo,
ouve o *Te Deum* das abelhas sobre as rosas...

ESPASMO

Ele morre. E tão só! Move-se e chama.
Quer chamar: sai-lhe a voz quase sumida;
e pelo esforço, sobre o chão de grama
jorra mais sangue da ferida...

Vai morrer... Angustiado, a noite inteira,
– noite encantada dum estio morno –
viu o tempo seguir entre as horas caladas;
nem percebeu a Lua cálida e trigueira,
com mil clarões afuzilando em torno;
e o broche colossal das estrelas douradas!

Olha agora. A alvorada
começa de brilhar nos longes glabros.
Perto, galhos de arbustos sonolentos,
onde a luz se dissolve na orvalhada,
são como verdes candelabros,
confortando-lhe os últimos momentos...

Estira os braços... Os odores,
em revoada puríssima e louçã,
sobem, cantantes, multicores,
cheios da força nova da manhã...

Ele pudera ouvir, caindo,
quando o estilhaço lhe rasgara o abdômen,
as joviais ovações dos seus soldados,
e, na fugida, os inimigos dizimados,
e os seus, em fúria, os perseguindo...
– E não restara um homem.

Depois, reviu os seus, a procurá-lo,
– altos lamentos pela noite clara...
Por pouco o não pisara
a pata dum cavalo!
Quis gritar, mas não pôde. E, único gesto
que abriu, foi um desfiar de lágrimas, silente;
e, olhos febris, rosto congesto,
viu seus ulanos
partirem tristes, tristemente...

E os passarinhos riem desumanos...

Sobem aos ares os primeiros hinos,
num triunfal e transbordante surto;
e em cima dele, com seus pios cristalinos,
libra uma cotovia o vôo curto...

Vai expirar. Já, numa ardência louca,
sente a sede da febre que o acabrunha...
Vai expirar... Mas só o estio o testemunha,
e a abelha matinal que lhe zumbe na boca...

E Gretchen? a rosada companheira
de dez meses apenas! e o filhinho
que está para nascer por esses dias?...
– Tantas quenturas de lareira!
tanto aconchego de seu ninho!
tanto amor! tantas alegrias!...

Principiavam ao longe os roncos e os estouros...
Vincou desoladoramente a frente.
Morreu sozinho. Mas o sol, lá do horizonte,
pôs o espasmo da luz nos seus cabelos louros.

GUILHERME

Ser feliz é ser grande. Imenso de alma,
inda que o corpo se lhe dobre...
É alcançar a região etérea e calma,
onde a alma viva enfim, nua e desimpedida...
Indiferentemente
ou sendo rico, ou sendo pobre,
ser feliz é encontrar no fim da vida,
de torna-viagem para a povoação,
a inflexível consciência, e encará-la de frente:
e ajoelhar para a coroação.

Ser grande é ser bom. Justo
na maneira de agir e no discernimento...
Não é apenas plagiar Alexandre ou Augusto,
sem que de glória e honras se farte:
antes é mitigar o humano sofrimento,
e ter o bem como estandarte.
Ser grande é compartilhar o choro largo
do mundo; agindo de tal forma,

a deixar para o fraco uma lei e uma norma,
e um beijo doce em cada lábio amargo...
É pela força real das sábias energias,
apagar o sarcasmo e as ironias...
É, pelo amor que aleita e orvalha,
e pelo gênio cálido e eficaz
pôr sobre a inveja uma eternal mortalha,
e erguer, sobre a mortalha, a figura da paz.

E, não pensando em si, dar a felicidade,
– conhecendo que a glória apenas dura
o quarto-de-hora desta vida,
no minuto sem fim da eternidade –
desdenhar para si toda ventura;
desatulhar a estrada interrompida;
e, sem baquear na faina um só instante,
para que o povo passe adiante
terraplenar os Pireneus e o Jura:
é ter a luz e compreender a luz,
é ser bom finalmente, é ser Jesus!...

– Mas o pior dos homens deste mundo,
o menor, o mais triste, o mais mesquinho,
deve de ser o homem que andando seu caminho,
é infecundo no espírito, e fecundo
só nos desvaios e erros que pratica;
deve de ser o homem que andando seu caminho,
faz desgraçado quem se lhe aproxima;
e à própria caravana, inumerável, rica,
faz tomá-lo por Deus, e a enlouquece e dizima...
Infeliz! Pensa em luz, e engendra escuridades;
quer replantar o bem, o mal deita raízes!...
– Certo: é a maior das infelicidades
fazer dos outros homens infelizes.

DEVASTAÇÃO

Já foi aqui a civilização.
Brilhou a luz. Cantou a fé. Riu o trabalho.
– Mas no rebanho há de haver sempre algum tresmalho:
tresmalhou a afeição;
e veio a derrocada.

Seguindo os largos rios nos seus cursos,
nas faldas da cadeia abruta e torturada,
junto ao primeiro roble secular,
muito antes, tinham vindo os homens se agrupar,
na defesa comum contra as renas e os ursos.

– E a esperança brilhou, como sempre, a primeira.

Conseguiram vencer. O último urso brama,
e rebenta-lhe o crânio o machado de pedra...
Já pascem, junto ao lar, domesticadas renas;
o homem pensa em plantar, e o terreno se redra...
Enfim, na encantação de amplas tardes serenas,
– canta no alqueive o rouxinol, a terra cheira –
ao convívio do bem-estar,
o homem pode mirar a companheira
e colocá-la num andor...
E quando, pelas manhãs claras,
avoaçou a calhandra sobre as searas,
houve searas também, plantadas pelo amor.

– E o amor brilhou em cada lar.

Pelo trabalho, pelo engenho o homem procura
fortificar então sua ventura.
É só lançar a mão: e mais, e mais,
grassa na concha dos concales calmos
a poesia alourada dos trigais...
...É só lançar a voz: e sobre o monte,
e sobre o vale, e no horizonte,
e em toda parte lhe respondem outras vozes...
Sobem os fumos pelo céu – que ao fogo
já se derretem os metais –
já se não temem animais ferozes;
tudo é progresso!... Então, reunidos no sopé
da cadeia, a cantar, como em glórias e salmos,
soltam aos ares o primeiro rogo...

– E rebrilhou a fé.

Cria-se o livro. Os homens pensam.
Pensam e agitam-se em tumulto.
Por sobre os seus trabalhos paira a benção:
e todos os trabalhos tomam vulto;

O saber suspicaz penetra o alto segredo
da vida. É tudo um labutar de ciência.
O homem afoita-se, descobre, perde o medo...

– E brilha, ativa e forte, a inteligência.

E ele atinge afinal o cume do Jungfrau.
Olha em redor e vê, na campina tamanha,
uma herança que é sua e que se perde além:
e tem um pensamento mau.
Ele atingiu o cume da montanha!
Só ele é grande, mais ninguém!
Cogita, e se entremeia em labirintos
de sofismas agudos; e, infeliz!
diz tudo o que não pensa ou que não sente,
mas o que sente ou pensa nunca diz.
Constrói teorias, alevanta em plintos
novo ideal, que lhe é Deus; e, indiferente
encara o mundo e nada o maravilha...

– E o orgulho máximo e insensato, brilha.

Vem a rivalidade, a traição, a mentira,
o exagero da glória, a negação da falta;
Caim mata de novo Abel, – mas por mais alta
que sobressaia a eterna voz,
aos seus ouvidos não há voz que fira! –
Mesmos os Abéis tornaram-se Cains;
e os homens todos, na avareza atroz,
ganiram, defendendo os bens, como mastins...

A afeição tresmalhou. E no esterco fecundo
de mil invejas e ambições, abrolha
a flor de púrpura da guerra... E o mundo
todo, a tremer nos seus arcanos olha.

Nesse ponto do globo, onde o passado
viu continuar, em surto resplendente,
as civilizações do antigo oriente,
nas águas batismais das energias novas,
tudo é um imenso plaino devastado!

O homem voltou ao seu estado primitivo:
blasfema, odeia, trai, e sepulta-se vivo

em trincheiras, sinistras como covas...

Cruza os espaços, rebentando, atroa
a cólera do obus;
e no arruído, no choque e na fumaça,
a civilização perde a coroa,
e treme, e foge, e tomba e se espedaça,
desertando da grande luz!...

Diante de tanto mal e tanta ruína,
de tanta inveja parda e estulta,
diante desse ódio frio e cru,
pálida, imóvel, trágica e divina,
sobre a devastação que cresce e avulta,
surgiu a minha dor, como um mármore nu.

Surgiu, cresceu, e, imensamente branca,
com o branco triste dos enfermos,
na compunção atroz do seu sofrer,
a minha dor sem lágrimas, nos ermos
onde o último eco dos canhões estanca,
gelou o íntimo gesto e nada quis dizer.

Apenas, a sorrir, num sorriso que punge,
pálida, imóvel, trágica e divina,
olha sem ver para a devastação...
A esperança talvez lhe santifica e unge
o olhar, mas o sorriso, o sorriso que a mina,
traí o penoso fel duma desilusão.

NATAL

Natal... Hora de sinos badalando,
de neve branquecendo pinheirais;
hora de pés de criancinhas arrastando
pela brancura lisa do caminho;
hora do cândido velhinho...

– Em Reims, os sinos não badalam mais!

A neve, sempre a mesma,
cai, continua de cair; e o vento
– brucas rajadas brancas – se desfralda,

como túnica de avantesma,
rasgando-se à desmantelada espalda
do grande, velho monumento...

– Em Reims, os sinos não badalam mais!

Pelas ruas escurecidas
andam caladamente os grupos uniformes...
Não tem mais galas o natal! apenas
no trabalhar dos hospitais,
tratam da cura de feridas
de hediondas chagas e lesões enormes,
alvas mulheres silenciosas e serenas...

Natal... Mas não há luzes nas capelas!...
Nem pratas de lavrados castiçais
onde luziluzam as velas!...
Natal... Mas não há longas espirais
de incenso, a se enroscar pelos altares!...
No colo virgem de Maria,
junto dos anjos tutelares,
rindo, estendendo seus bracinhos nus,
nem se lembraram – quem se lembraria! –
nem se lembraram de repor Jesus!...

– Em Reims, os sinos não badalam mais!

Num silêncio de múmia, brancacenta,
a noite corre... Batem doze badaladas.
Onde estão as canções desabaladas
dos sinos gárrulos?... – Friorenta,
a grande catedral emudeceu:
e para ela a alegria dos natais,
toda a alegria dos natais morreu!...

– Em Reims, os sinos não badalam mais!...

LOVAINA

Abriam-se inda no ar alguns obuses,
como flocos de paina;
e, ao barulhar bramante do barulho,
tetos tombavam, e brotavam luzes;

onde fora Lovaina...

– Mas no meio do entulho,
nas avenidas e nas alamedas
tresloucadas, sem rumo,
onde ladrava, sob o fumo,
a cainçalha das labaredas;
mas pelas vastas praças atupidas
de destroços heris de monumentos;
nas ruas de comércio, onde mil vidas
jaziam, envolvidas
na mortalha dos desmoronamentos;
mas nos palácios, nas mansardas,
nos esqueletos das habitações,
nas escolas estraçalhadas,
nos átrios, nos terraços, nas escadas,
no torvelim dos mortos e das fardas,
na boca muda dos canhões,
naquele hediondo incêndio triunfal:
não calculei ao desastroso mal
toda a incomensurável extensão!
Não vi o exício duma grei humana,
o destino infeliz duma raça espartana,
o fim terrível duma geração!
Se houve crime nefando,
não lhe medi a imensidade:
só, dentre as ruínas da universidade,
eu vi os grandes livros fumegando!

OS CARNÍVOROS

Quando a paz vier de novo, nova e franca,
passar nestas estradas e caminhos,
novas aves talvez e novos ninhos
hão de agitar-se pela manhã branca...

Novos ventos virão da serra,
úmidos, rindo-se, esfuziar no prado;
e novamente, regoando a terra,
ir-se-á, rangindo, o arado...

Pouco tempo depois, pela estrada, os viandantes
verão, cobrindo os campos marginais,

os brocados trementes, ampliondeantes,
as roupagens custosas dos trigais...

Virão novas colheitas,
virão risadas a remir fadigas,
virão manhãs de acordar cedo,
virão as tardes feitas
de conversas à sombra do arvoredado,
virão as noites de bailados e cantigas!...

Toda a população ir-se-á nos vales
colher o trigo novo e lourejante;
e, na pressa afanosa, bem distante
lhe passará da idéia tanta luta,
tantos passados males!

Pelo campo ceifado, à Ave-Maria,
na tarde enxuta
e fria,
enquanto o vento remurmura, meigo e brando,
mulheres de Millet, robustas e curvadas,
irão glanando, irão glanando...

Tudo será colheita e riso. – Então,
depois de tantas fomes e misérias,
de tantas alegrias apagadas,
de tantas raivas deletérias,
os celeiros de novo se encherão.

Mas o trigo abastoso dos celeiros
relembra o sangue, a vida,
os penosos momentos derradeiros
duma geração toda destruída...

Olhai! hoje o trigal é mais verde e mais forte!
O chão foi adubado a carne e sangue...
Que importa haja caído um exército exangue,
se deu a vida ao trigo tanta morte!

Este é o trigo que é pão e alento!
Vós que matastes com luxúria e sanha,
vinde buscar o prêmio: é o alimento...
Ei-lo: em raudal, em nuvem, em montanha!
Este é o trigo que nutre e revigora!

É para todos! Basta abrir as mãos!
Vinde buscá-lo!... – Vamos ver agora,
quem comerá a carne dos irmãos!

*Este livro é teu, Saudade
do lar; única fada que, espero,
concitará os homens ao
mútuo perdão, fazendo das
trincheiras e das arenas de
batalha a mais trágica das
solidões.*



www.poeteiro.com

NOTAS BIOGRÁFICAS

Romancista, cronista, ensaísta, musicógrafo, crítico, jornalista, professor, pesquisador, conferencista, poeta, contista, e sabe-se lá que ângulos mais oferece a complexa e extraordinária personalidade artística de Mário de Andrade! Divulgador e agitador de idéias, criador de escolas, destruidor de preconceitos e tabus, ele fez, sozinho, pelo desenvolvimento cultural e artístico da nossa gente, muito mais do que algumas academias e conservatórios reunidos. Não há, em verdade, setor da vida intelectual brasileira que seu espírito ágil e original não tenha deixado a marca.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, a 9 de outubro de 1893, e faleceu aqui mesmo, a 25 de fevereiro de 1945. Fez os primeiros estudos no ginásio “Nossa Senhora do Carmo”. Coursou, depois, o “Conservatório Dramático e Musical”. Estreou em 1917, com um indeciso livrinho de poemas — “Há uma gota de sangue em cada poema.” Mas cinco anos depois publica “Paulicidia Desvairada”, marco dos mais importantes na história da poesia brasileira, autêntico estopim deflagrador de novas correntes estéticas. Em seguida Mário de Andrade enveredou pelo ensaio, conto, romance, sem dizer, no entanto, adeus às musas. Como ficcionista é autor de “Macunaíma”, “Amar, Verbo Intransitivo”, e dos volumes de contos “Primeiro Andar”, “Belazarte” e “Contos Novos”, que se enfileiram entre os que de melhor produziu o gênero entre nós. Ao lado dos volumes que deixou — e suas obras completas formam um sólido conjunto de 20 livros — é indispensável ressaltar a sua atuação como criador do primeiro Departamento de Cultura, de São Paulo, que entre tantas outras realizações culturais, organizou a Discoteca Pública Municipal, criou o curso de Etnografia e Folclore, promoveu o primeiro congresso de Língua Nacional Cantada, além de inúmeras outras realizações de vital importância para o desenvolvimento da vida cultural brasileira. Mário de Andrade foi também o fundador da Sociedade de Etnografia e Folclore e um dos organizadores do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo ainda regido a cadeira de Filosofia de Arte, do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, do qual foi diretor.

Fonte:

"Panorama do Conto Brasileiro: O Conto Paulista". Seleção e notas de Edgard Cavalheiro. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1959.